Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 443

11 DE ABRIL DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados de seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

JOSÉ RAMOS COELHO, da Academia Real das Sciencias de Lisboa

(Segundo um cliché da photographia Phœbus)

CHRONICA OCCIDENTAL

A's horas em que escrevemos atravessa as ruas da cidade o enorme cortejo civico que acompanha os restos mortaes de Silva Porto á gare do caminho de ferro do norte, do caminho de ferro que hade conduzir as cinzas do illustre morto ao Porto, que foi berço d'esse glorioso portuguez e que lhe vae ser tumulo, n'um enterro que é uma apotheose.

A's sete horas da manhã de hontem, dez, o vapor *Ambaca* que trouxe d'Africa os restos mortaes de Silva Porto, e que entrara na vespera á noute, ancorou em frente do Arsenal e ás nove horas da manhã, a direcção da sociedade de Geographia acompanhada pelo sr. Costa Azevedo, sobrinho do illustre morto, foi a bordo do paquete receber o feretro que estava depositado em capella ardente, coberto com a bandeira portugueza, que Silva Porto tanto honrou e tanto engrandeceu nas regiões africanas, onde passou toda a sua vida.

Conduzido para terra, o feretro ficou depositado na capella do Arsenal, onde o velaram durante todo o dia e toda a noite um turno composto de um socio da sociedade de Geographia, um africanista, e dois bombeiros voluntarios da Ajuda.

A's tres horas da tarde do dia 10 a sociedade de Geographia destribuiu um abundante bodo a 54 crianças pretas.

Na capella, ao lado da eça onde estava collocado o feretro viam-se sobre um armão d'artilheria bandeiras com as seguintes inscripções.

IACCA—1878

ATRAVEZ D'AFRICA—1885
Capello e Ivens

—

ATRAVEZ D'AFRICA—1878
Serpa Pinto

—

N'HASSA—1886
Serpa Pinto e Cardozo

—

LUNDA—1887
Carvalho

—

SANHATI—1888
Cordon

—

CUBANGO—1890
Couceiro

—

CHIRE—1889
J. Coutinho

Sobre outro armão estava collocada a bandeira da Sociedade de Geographia e sobre ella a corôa de bronse que a mesma sociedade offereceu, para ser collocada sobre o tumulo de Silva Porto.

A esta corôa vieram juntar-se numerosas corôas que durante todo o dia chegavam de varias associações, em homenagem ao illustre morto e as da irmã e da filha de Silva Porto que residem na cidade invicta.

A's onze horas da manhã do dia em que escrevemos o feretro foi processionalmente levado da capella do Arsenal para a estação nova do caminho de ferro.

D'esse cortejo imponente, que foi uma verdadeira apotheose, o OCCIDENTE dará minuciosa noticia no seu proximo numero.

A Patria pagou briosamente a enorme divida que contrahiu para com este seu glorioso filho: a passagem das suas cinzas pelas ruas de Lisboa foi um grande acontecimento nacional a que se associaram o rei, o governo, e o povo; o Porto prepara uma recepção imponente ás cinzas do seu glorioso filho, e todas estas manifestações excepcionaes são não só uma obra de justiça, como tambem uma affirmação nacional de altissima significação, no momento angustioso que atravessamos e em que a ambição do estrangeiro nos quer cercear o nosso dominio africano.

A Patria honrando as cinzas d'esse portuguez immaculado que consagrou toda a sua vida ao engrandecimento e alargamento da Africa portugueza, honra-se a si e dá um bello exemplo ao mundo!

* * *

E agora que registámos no nosso logar d'honra, como não podia deixar de ser, o grande acontecimento que se está dando em Lisboa precisamente na hora em que estamos escrevendo esta nossa chronica, vamos passar uma rapida vista d'olhos pelos successos mais notaveis d'estes ultimos dez dias e entre esses successos encontramos um facto artistico e unico na historia do theatro portuguez e que transformou uma festa de caridade n'um acontecimento excepcional na arte nacional — o apparecimento de Helena Theodorini no theatro da rua dos Condes, a transformação da grande cantora italiana em brilhante actriz portugueza.

Nunca na nossa terra se viu coisa igual, não nos consta que na historia artistica do paiz alguma pagina haja semelhante á que Theodorini escreveu hontem nos annaes da nossa arte.

Só uma artista unica no mundo, como hoje é Helena Theodorini pelo seu assombroso talento era capaz de realisar o milagre artistico que hontem deslumbrou todo o publico que encheo o theatro da rua dos Condes, e que diga-se em sua honra lhe fez uma ovação verdadeiramente excepcional, como nunca a nenhum artista se fez na nossa terra.

Historiemos.

A emprcza do theatro da rua dos Condes teve a idéa generosa de offerecer expontaneamente o seu theatro á direcção da Creche de Santa Eulalia, a que preside o sr. Roza Araujo, para n'elle se fazer um beneficio a favor d'essa creche que sustenta numerosas criancinhas e que não tem largos meios de subsistencia.

Rosa Araujo, que goza em Lisboa de todas as sympathias e de toda a consideração que bem merecem o seu honrado caracter e todos os relevantissimos serviços que tem prestado a Lisboa, convidou varios amigos, negociantes, homens de letras, jornalistas que tem por elle profunda estima, e profunda sympathia pela caridosa obra da créche de que elle foi o fundador benemerito e de que é positivamente a alma, para o coadjuvarem na realisação d'uma festa n'esse theatro, que tão generosamente lhe fôra offerecido.

Formou-se uma grande commissão para organisar o espectaculo e procurou-se a maneira de formar um programma delicado, convidativo, novo, original.

Pensou-se que seria uma novidade agradavel para o publico juntar n'uma comedia alguns dos principaes artistas portuguezes que por estarem uns retirados da scena, outros espalhados por theatros diversos, o publico nunca vira representar juntos na mesma peça.

Mas que comedia havia de ser? Evidentemente uma comedia nova, escripta expressamente para esses artistas, uma comedia pequena, que não os obrigasse a muito estudo, incompativel com os seus trabalhos nos outros theatros, uma comedia que teria fatalmente de viver uma unica noite.

D. João da Camara, o glorioso auctor do *D. Affonso VI* e do *Alcacer-Kibir*, Lopes de Mendonça o glorioso auctor da *Morta* e do *Duque de Vizeu* e a pessoa que escreve estas linhas, e que todos tres faziam parte da commissão encarregada de organisar o espectaculo, offereceram-se para de collaboração escreverem essa peça.

Era desejo de todos que n'essa peça entrassem todos os artistas mais distinctos de Lisboa mas era claramente impossivel dadas as dimensões que essa comedia não podia de forma alguma ultrapassar e portanto esse desejo não se poude realisar e a comedia restringiu a oito o numero dos seus interpretes.

De repente alguem lembrou-se d'uma coisa que seria uma maravilha.

Ha muitos annos que não vem a Lisboa uma artista que tenha *successo* igual ao da Theodorini.

Querida e adorada por todos pelo seu assombroso talento de cantora e de comediante Helena Theodorini é a artista mais extraordinaria que de nosso tempo tem vindo a Lisboa, e a artista adorada pelo nosso publico.

A Theodorini falla excellentemente o portuguez.

Se a Theodorini entrasse tambem n'essa comedia representando em portuguez com os nossos artistas e cantando em portuguez tambem?

A idéa foi acolhida com um enthusiasmo doido, mas immediatamente ia ser posta de parte como irrealisavel.

A Theodorini, que é hoje a primeira cantora dramatica do mundo, a Theodorini, a gloriosa interprete da *Gioconda*, da *Norma*, da *Lucrecia*, da *Mala Pasqua*, do *Cid*, dos *Huguenottes*, representar uma farça em portuguez! Era uma deliciosa phantasia, era um sonho doirado, mas tão doirado que não podia passar de sonho.

A pessoa que escreve estas linhas, que tem por Theodorini uma amisade tão profunda como a admiração que tem pelo seu assombroso talento, que a conhece muito de perto e sabe quanto ella é despida das vaidades de primadona, quanto estima Portugal, e quanto vale o seu esplendido coração, não achou tão irrealisavel como isso esse sonho doirado, e encarregou-se de ir convidar a Theodorini, comprometendo-se quasi a que ella diria que sim, tanto contava com o talento e com o coração da grande artista.

E não me enganei.

No dia immediato fui a casa de Theodorini e disse-lhe em duas palavras do que se tratava.

Não tive que empregar um unico argumento para a convencer.

Ella disse-me logo que sim: tratava-se de uma obra de caridade, tratava-se de representar com artistas portuguezes que ella estimava e admirava tanto, estava prompta para isso tudo.

N'essa mesma noite nós tres que iamos fazer a comedia procuramos a Theodorini no theatro para combinar com ella o que havia de ser o papel, o que ella queria fazer.

—O que quizerem, foi a sua resposta, façam-me o papel que entenderem e como entenderem e mandem-m'o para eu estudar.

Procurámos os outros artistas que deviam entrar na comedia, Taborda, Valle, João Roza, Mello, Dias, Lucinda Simões, Jesuina, e todos elles com a maior gentileza nos disseram que sim.

Fizemos a comedia, apenas um pretexto para juntar n'um só acto todos esses artistas tão illustres, e distribuimos os papeis.

Lucinda Simões escreveu-nos uma carta muito amavel dizendo nos que por motivos imprevistos não podia tomar parte na recita.

Foi o unico embaraço que encontrámos, e ainda assim facil de debellar graças á amabilidade e gentileza que encontrámos na distincta actriz Amelia da Silveira do theatro de D. Maria, que se dignou de acceitar o papel que tinhamos destinado á Lucinda Simões, e que o desempenhou brilhantemente, como lh'o disseram os applausos ruidosos e justissimos com que o publico coroou o seu excellente trabalho artistico.

Os ensaios principiaram na sexta feira 3, começando a Theodorini a ensaiar apenas na segunda feira 6, por causa de até então ter que cantar todas as noites.

Mancinelli o illustre maestro escreveu expressamente para a peça uma *legenda: Por bem!* sobre a lettra de Lopes de Mendonça, que é uma verdadeira obra prima musical. uma *legenda* em estylo mourisco, que traduz admiravelmente as mais pequenas intenções da poesia de Lopes de Mendonça, um trecho admiravel que prova que Mancinelli é tão grande compositor como grande regente d'orchestra.

A peça foi ensaiada por Augusto de Mello o talentoso actor e ensaiador e com quatro ensaios apenas subiu á scena no dia 10, em recita unica, e teve, mercê dos seus illustres intrepretres, o exito colossal, que se tornou n'uma verdadeira apotheose para a Theodorini.

A grande cantora fez na comedia um papel de lavradeira de Vianna. Quando ella entrou, encantadora no seu delicioso *costume*, que veio para ella expressamente de Vianna do Castello, o publico fez-lhe uma enorme ovação.

Theodorini começou a representar e representou deliciosamente, como só representa uma artista de raça como ella é. As mais ligeiras intenções do seu papel foram comprehendidas e executadas magistralmente por ella, o typo de lavradeira perfeitamente desenhado nas suas mais pequenas nuances, na maneira de fallar, nos gestos na expressão, na pronuncia, uma creação deliciosa que encantou e deslumbrou o publico.

E por isso o publico lhe fez uma ovação como nunca vimos igual na nossa terra.

Quando Theodorini terminou a sua *legenda*, o publico enthusiasmado applaudiu-a freneticamente e obrigou-a a bisar o delicioso trecho de Macinelli; depois quando cantou o dueto da *Traviata* com Taborda fez-lhe uma ovação enorme pedindo duas vezes *bis* a esse dueto que foi perfeitamente extraordinario, e no fim quando Theodorini cantou e dançou a caninha verde, os *bis* succederam-se d'uma maneira vertiginosa, tendo Theodorini de repetir mais de dez vezes as suas coplas da *caninha verde*.

E depois a ovação assumiu as proporções de delirio, e durante mais de vinte minutos o panno esteve erguido e Theodorini sendo alvo d'uma ovação colossal.

Por fim, como algumas vozes pedissem a *Paloma*, Theodorini desceu á orchestra, sentou-se ao

piano é acompanhando-se cantou a *Paloma* que foi bisada no meio d'um enthusiasmo indiscriptivel.

Nunca em Lisboa, artista algum dos mais adorados teve ovação que de longe se lhe parecesse com a que hontem recebeu a Theodorini, ovação que nunca mais lhe esquecerá, porque noites de gloria como a de hontem não podem esquecer nunca.

Todos os artistas que entraram na comedia representaram magistralmente e tiveram ampla colheita de applausos. Taborda, Valle, João Rosa, Dias, Mello, Amelia da Silveira e Jesuina foram todos magnificos nos seus papeis e mantiveram-se á altura dos seus gloriosos creditos artisticos.

No fim da comedia, Taborda offereceu a Theodorini um ramo de flores artificiaes tendo n'uma das fitas um cartão com a seguinte dedicatoria

A' grande actriz portugueza

Helena Theodorini.

Os seus collegas, e seguiam as assignaturas de todos os artistas que entraram na comedia, e os *seus collaboradores litterarios*, seguindo-se a assignatura dos trez auctores da farça *O Zé Palonso.*

E foi este o fecho brilhantissimo da brilhante festa da Créche de Santa Eulalia, festa a que deram tambem todo o esplendor dos seus fulgurantes talentos, as illustres cantoras Bulicioff e Leonardi, a grande actriz portugueza Virginia, a gloriosa actriz Pepa, a estrella do theatro da rua dos Condes, a pequena actriz Libania, e os illustres actores Taborda — que teve um exito colossal no impagavel *José do Capote*, Brasão, Ferreira da Silva, Augusto Rosa, Silva Pereira, Augusto de Mello.

O theatro estava rica e elegantemente ornamentado sob a direcção finamente artistica do sr. Jeronymo da Silva; o distincto maestro Sarti prestou-se graciosamente a acompanhar ao piano todos os artistas de S. Carlos, os intervallos foram preenchidos pelo magnifico sexteto do theatro de D. Maria.

O theatro apesar dos elevados preços estava cheio, vendo-se na platéa e nos camarotes tudo o que ha de mais distincto em Lisboa.

El-Rei D. Carlos, a rainha D. Amelia, e o infante D. Affonso, assistiram á recita conservando-se no seu camarote até ao fim do espectaculo, que acabou depois da uma hora da noite e que com certeza ficará marcando época entre as festas theatraes mais extraordinarias e brilhantes que se tem dado em Portugal.

Gervasio Lobato.

JOSÉ RAMOS COELHO

Passado de mais de quinze annos de jornalismo, onde hemos provado todos os dissabores, todas as amarguras que só encontra quem não tem outros direitos, outros diplomas, que não sejam os de uma aturada dedicação por tudo que é justo, por tudo que visa a felicidade do nosso querido Portugal, e, quando se perdeu a saude e arriscou a vida para que este paiz fosse sempre honrado e respeitado entre estrangeiros — ha, parece-nos — o direito de cuidar que devem ter credito as nossas affirmações; por isso que não vae bem ao nosso espirito nem a lisonja, nem systhematica recusa de louvor a quem o tenha ganho pela propria perseverança, atravez de obstaculos creados por imposições de quem mais devia facilitar e aplanar os caminhos.

Em resumo: dizemos sempre o que entendemos sem olhar a convenções, desprezando tudo que não seja a verdade, pondo completamente de parte tudo que não seja util.

E a razão é simples:

Não ha elogio onde se presta justiça.

Não ha justiça quando só se façam exclusivas homenagens.

Excluir não é apreciar.

*

* *

Isto posto, vamos, com o espirito completamente liberto, prestar justiça a quem de direito a conquistou, pelo seu elevado espirito, pelo seu acrisolado amor patrio, pelo seu singular talento, tão injustamente desconhecido entre os portuguezes e tão generosamente applaudido entre os estrangeiros. Refiro-me ao impecavel e erudito historiador, sr. José Ramos Coelho. Só ha poucos dias tivemos a honra de conhecer o auctor da *Historia do Infante Duarte*, d'essa desgraçada victima expiatoria da nossa revolução contra o tyrannico governo dos Filippes do seculo XVII.

Porque, o infante D. Duarte irmão d'el-rei D. João IV, no dizer pleno de auctoridade do nosso erudito collega Brito Aranha, foi preso por ordem do monarcha das Hespanhas, e, por causa da sua dedicação patriotica, morreu, depois de quasi nove annos de carcere em Milão.

E' certo, e não vem fóra de proposito — pelos tempos que vão correndo — notar o esquecimento dos chronistas da real casa de Bragança sobre o irmão d'el-rei D. João IV, quando tão solicitos teem sido em preconisar os altos dotes do rei *Restaurador!*

Não é porém agora a occasião de tratar este assumpto — e não nos faltarão numeros do Occidente para o fazer, — pela razão de que destinamos, particularmente, hoje, o nosso trabalho, ao incontestado valor litterario da obra do sr. José Ramos Coelho.

*

* *

O illustre auctor da *Historia do Infante D. Duarte*, é, segundo Innocencio Francisco da Silva, no seu precioso *Diccionario bibliographico portuguez*, — natural de Lisboa e nasceu a 7 de fevereiro de 1832.

Podémos obter conhecimento dos seus seguintes trabalhos litterarios:

— *Preludios poeticos*; um volume de 303 paginas impresso em 1857, com o retrato de Ramos Coelho.

— *Biographia de Antonio José da Silva* publicado em 1856.

— *A louca de S. Christovam*, conto em verso, em 1858.

— *Jerusalem libertada, poema de Torquato Tasso, traduzido em oitava rima portugueza*, em 1864, volume de 507 paginas. Trabalho muito elogiado pelo escriptor italiano Vegezzi Ruscalla. A apreciação d'este homem de lettras, compatriota do grande Tasso, foi publicada em 1865 na *Gazeta de Portugal*, de Teixeira de Vasconcellos. No *Diario de Noticias*, dois annos depois, veio tambem um elogioso estudo critico de Cesar Perini sobre a obra de José Ramos Coelho.

— *Novas poesias*, em 1860, comprehendendo a traducção de Ramos Coelho, da ode a Manzoni *Cinque Maggio*; este notavel trabalho mereceu os maiores applausos do sr. Vegezzi Ruscalla na *La corrispondenza letteraria de Turim* de 1866 e foi reproduzida na *Musica terrenal* de Salvador Costanzo, em Madrid, 1868.

— *O Juizo de Paris*, verso.

— *O Hyssope* (de Antonio Diniz da Cruz e Silva) edição critica disposta e annotada pelo nosso biographado: alem das vinhetas ornamentaes, traz 20 preciosas gravuras fóra do texto, incluindo o retrato de D. Lourenço de Lencastre, bispo de Elvas, principal figura da graciosa composição de Antonio Diniz (pag. 24) e um *fac-simile* de parte de uma poesia do auctor. Do prologo de oitenta paginas, de Ramos Coelho, diz o sr. Brito Aranha, que apresenta muitas novidades ácerca de *Antonio Diniz da Cruz e Silva*, cuja biographia ficou assente, nos pontos principaes, em bases solidas, em documentos do maior credito. Trata alem d'isso, da celebre Arcadia, pela intima ligação que houve entre ella e o auctor, e da parte que este teve como juiz nas conspirações de Minas Geraes e do Rio de Janeiro, e das outras obras impressas e manuscriptas do poeta, e traz uma comparação do poema portuguez com o *Lutrin* de Boileau, mostrando a differença entre um e outro, e a vantagem do nosso sobre o francez, e demonstrando-se não ser imitação d'este, como alguns teem pretendido.

As annotações e disposição do trabalho de Ramos Coelho são notabilissimas porque este academico comparou miudamente a edição de 1821, melhor mesmo que as de 1817 e 1876 e outras, com as restantes e com dez copias; formou um corpo de variantes que vem em seguida ao poema, e separando d'estas as que eram claramente preferiveis ao texto d'aquella edição, emendou-o com ellas em muitos logares, resultando de este methodico cuidado ficar esta edição muito superior a todas as antecedentes.

— *A Prophecia*, poesia commemorativa da morte do grande poeta brazileiro Gonçalves Dias.

Traducção em verso da *Carmen Seculore* de Horacio.

Noticias historicas de *Fabio Arcas* e *Sebastião Stochamer*, publicado no *Instituto* de Coimbra em 1885.

Tem collaborado o sr. Ramos Coelho no *Direito* da ilha da Madeira, na *Esmeralda Atlantica* dos Açores, na *Grinalda* do Porto e nos jornaes lisbonenses *Nação*, *Diario de Noticias*, *Jornal do Commercio*, *Revolução de Setembro*, *Portuguez*, *Archivo Pictoresco*, *Arte*, *Instituto de Coimbra*, *Occidente* e em muitos outros cuja publicação cessou mas que são constantemente consultados pelos amantes de bellas-lettras como a *Revista Peninsular*, a *Revista universal lisbonense* e *Artes e Lettras*.

O sr. Ramos Coelho tambem trabalhou com o inolvidavel auctor da *Mocidade de D. João V*, collaborando, com esse gigante da litteratura nacional que se chamou Luiz Augusto Rebello da Silva, na publicação do *Quadro elementar das resoluções politicas e diplomaticas de Portugal com diversas potencias do mundo*, que todos os bons trabalhadores litterarios conhecem como um grande serviço patrio, por isso que é a continuação da privilegiada e assidua investigação historica do visconde de Santarem. O sr. Ramos Coelho, teve, uma parte activissima principalmente na publicação relativa ás negociações com a curia, a que se referem os volumes IX a XIII, impressos por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Entre outros serviços de incontestavel amor patrio devemos a Ramos Coelho a representação em Lisboa do *Frei Luiz de Souza* pelo grande tragico E. Rossi, e traduzido magistralmente para italiano por Vegezzi Ruscalla.

Na *Selecta Nacional* de Caldas Aulete (edição de 1877) vem, na terceira parte — curso pratico de litteratura portugueza — uma versão livre do poemeto do *Hymno secular dos romanos*; d'esta traducção diz um notavel classico. «O poemeto que n'este logar damos á luz, vertido a pedido nosso, é admiravel pela fidelidade e elevação de phrase, é mais um glorioso padrão com que elle (Ramos Coelho) acaba de honrar as letras patrias. Nenhuma das traducções d'este hymno, que figuraram na grande edição polyglota de Horacio, eguala esta na fidelidade e sabor poetico horaciano, com que tanto se deliciavam os ouvidos dos cidadãos de Roma.»

No *Instituto* revista scientifica e litteraria que se publica em Coimbra (volume 27.º, Julho de 1889, 2.ª serie n.º 1) vem na secção bibliographica uma carta do visconde de Castilho (Julio) em que faz esta curiosa declaração: «A *Historia do Infante D. Duarte* — pertence (apesar de ter nascido «agora) ao grupo que eu odiava, dos *livros velhos*, «pois com elles me reconcilia um escriptor de «tanto pulso, e um assumpto de tanta magnitude: «o auctor do livro e o Infante D. Duarte.»

D'este mesmo artigo, já pela auctoridade de quem o assigna, já porque concordamos plenamente com sua doutrina, transcrevemos mais os seguintes periodos:

«Obras como esta tão laboriosamente desenterrada dos archivos, e tão sizudamente escripta, mereciam aos governos a maior attenção. Um livro d'este merito faz epocha n'uma litteratura; e o Rei ou o Ministro que desse solemne e official testemunho de elevado reconhecimento ao auctor, practicava acção digna de applauso.»

«A academia Real das Sciencias honrando com a publicidade este livro magistral honrou a si propria; mas ainda lhe falta que fazer. E' preciso reconhecer publicamente o que ali ha de trabalho, trabalho improbo, trabalho obscuro, trabalho de cabouqueiro; o que ali ha de sciencia no vasto plano e no seguro proseguimento d'elle; o que ali ha de criterio, de conhecimentos historicos, de perseverança, de dedicação, e, mais que tudo, de amor da Patria. Aquelle livro respira amor patrio a cada linha; é obra de um Portuguez. Todo o sentir de um verdadeiro patriota ali está resumido; é um sacrario de crenças. Que mais querem?»

Não necessitamos de fazer avultar a nobilissima corrente de sinceridade e justiça que imprime côr tão sympathica á figura modesta do erudito traductor do Tasso, do Venusino, de Manzoni e Lafontaine, sendo lhe assim tão familiar o italiano como o latim e o francez classico, finalmente de esse academico que tanto tem enriquecido a litteratura, a historia e a archeologia nacionaes.

No volume 36.º do mez de fevereiro de 1889 *O Instituto*, de Coimbra, publica um interessante estudo sobre a individualidade litteraria do nosso biographado e uma poesia d'este sobre a fabula do *Avarento*.

No *Parnaso Mariano*, colligido pelo sr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, vemos a paginas 266 uma noticia biographica sobre Ramos Coelho referida ás mesmas obras que havemos citado, e, publicando em nota supplementar (pag. 295) uma critica larga de sciencia e forte de imparcialidade sobre a interpretação da celebre poesia *A Virgem Maria*; é muito curiosa a copiosissima dissertação sobre a orthodoxia dos versos do sr. Ramos Coelho. A poesia d'este nosso illustre historiador é tudo que ha de mais fino, de mais delicado, e de mais correcto em verso.

Ramos Coelho apezar da sua excessiva modestia, revella-se sempre na poesia, na prosa, na ana-

lyse dos factos historicos, quer pela valentia da sua fortissima erudicção, quer pelo encyclopedismo dos seus conhecimentos,—um mestre.

*
* *

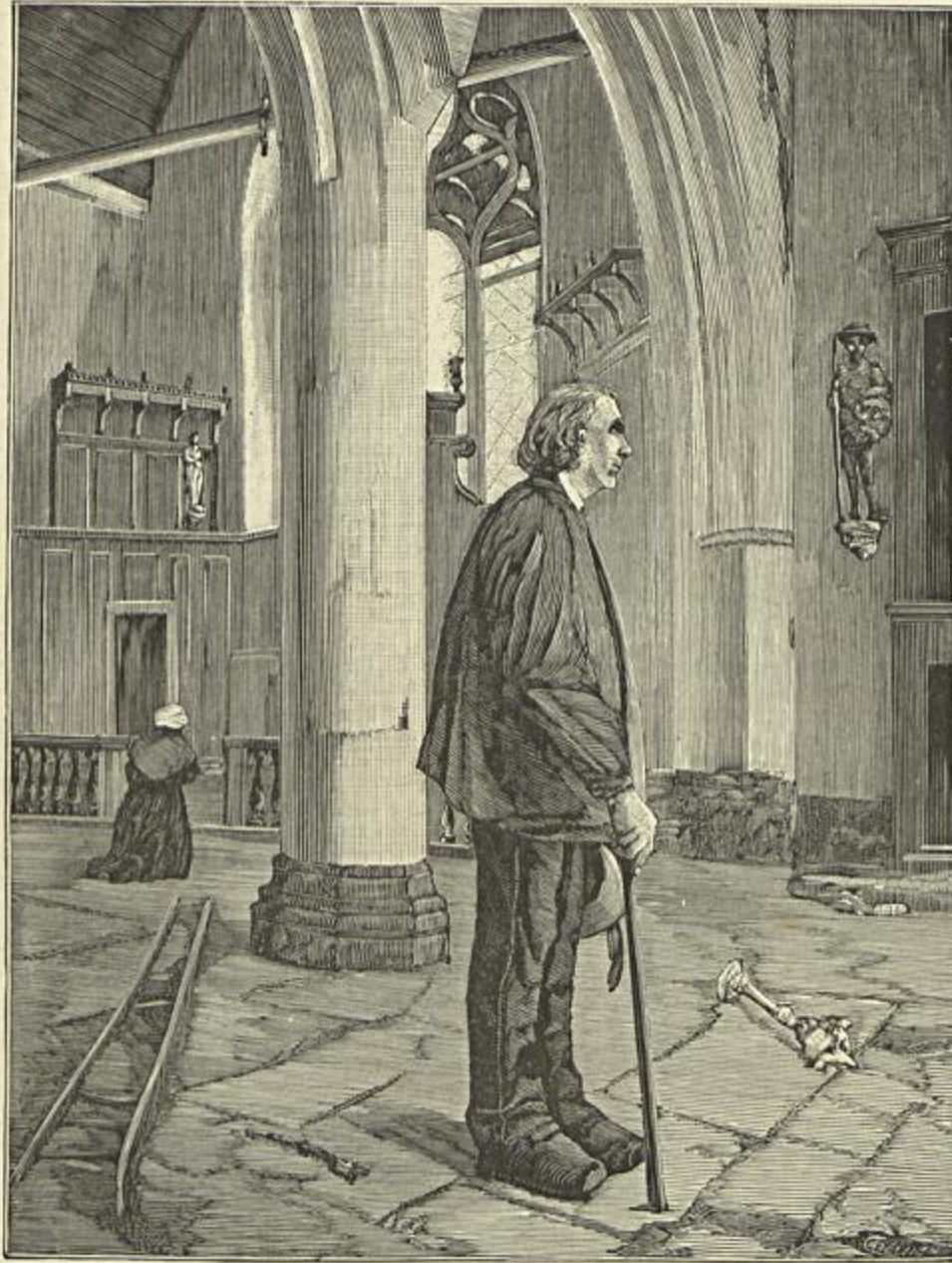
Fallámos pouco do homem e muito geralmente da sua obra. Agora, vamos tratar do seu recente trabalho a *Historia do infante D. Duarte, irmão*

Os dois volumes que temos á vista da *Historia do infante D. Duarte, irmão de el-rei D. João IV* são illustrados com interessantes dezenhos do architecto milanez Lucas Beltrami e magnificas phototypias do sr. Carlos Relvas.

A obra é dedicada pelo sr. Ramos Coelho «*a Portugal, sua Patria, com o mais entranhado affecto e mil votos pela sua independencia e prosperidade.*

cio do Porto uns artigos do professor de Munich (Baviera) o sr. Karl von Reinhardstœttner, traduzidos magistralmente, pelo incansavel e consummado germanista Joaquim de Vasconcellos, do jornal bavaro *Munchner neueste Nachrichten* de 29 e 30 de maio ultimo.

O sr. Joaquim de Vasconcellos precede a critica de Reinhardstœttner de palavras tão justas para o critico allemão e para o auctor nacional que não

EXPOSIÇÃO DO GREMIO ARTISTICO

VELHICE — Quadro de J. V. Salgado

((Segundo uma photographia)

de el-rei D. João IV. Antes porém devemos dizer qual, officialmente, a posição do nosso historiador, para que se veja bem o valimento, a craveira do talento, do estudo, em Portugal...

O sr. Ramos Coelho, quando n'este paiz toda a gente é conselheiro, ou chefe de repartição pelo menos, — está em simples conservador do Archivo Nacional da Torre do Tombo! Verdade é que os estrangeiros bastantemente o teem considerado. Pela Italia, é cavalleiro das ordens de S. Mauricio, de S. Lazaro e socio da Academia de Sciencias de Lucca; pelo Brazil, é socio do Gabinete Portuguez de leitura na cidade do Maranhão.

Dedicatoria independente e alevantada como é propria do caracter honesto do seu grande auctor.

O primeiro tomo da obra tem mais de setecentas paginas e o segundo pouco menos de novecentas.

A edição é primorosissima e a nitidez e elegancia da impressão faz honra á typographia da Academia Real das Siencias de Lisboa.

*
* *

Sobre esta obra, a todos os respeitos digna de publica admiração, já haviamos lido no *Commer-*

resistimos a transcrever os seguintes periodos:

«O auctor da apreciação critica, que hoje traduzimos, o sr. Karl von Reinhardsœttner, professor em Munich, é um dos poucos escriptores que acompanham os estudos litterarios e historicos do nosso paiz com cuidado e interesse.

«Além d'isso, tem contribuido, ha perto de vinte annos, com trabalhos importantes para a resolução de problemas valiosos da historia da lingua e litteratura portugueza, ora publicando estudos de grammatica comparada, ora editando e commentando textos antigos de grande valia.

«A sua apreciação refere-se sómente ao primei-

ro volume da monographia do sr. Ramos Coelho. Tendo agora sahido o segundo, é provavel que o professor allemão formule brevemente o seu parecer sobre a segunda parte do estudo do erudito academico. Pareceu-nos, no emtanto, que não deviamos demorar a versão, não só para demonstrar a valia de obra tão meritoria, como é a do sr. Ramos Coelho, mas tambem para sublinhar a opinião de um juiz imparcial, que falla na propria terra, onde o infante D. Duarte foi tão mal recompensado dos seus serviços; de um juiz que é allemão, e está pela sua posição e pelos seus serviços litterarios muito no caso de julgar imparcialmente n'uma questão historica tão interessante entre o seu e o nosso paiz.»

....

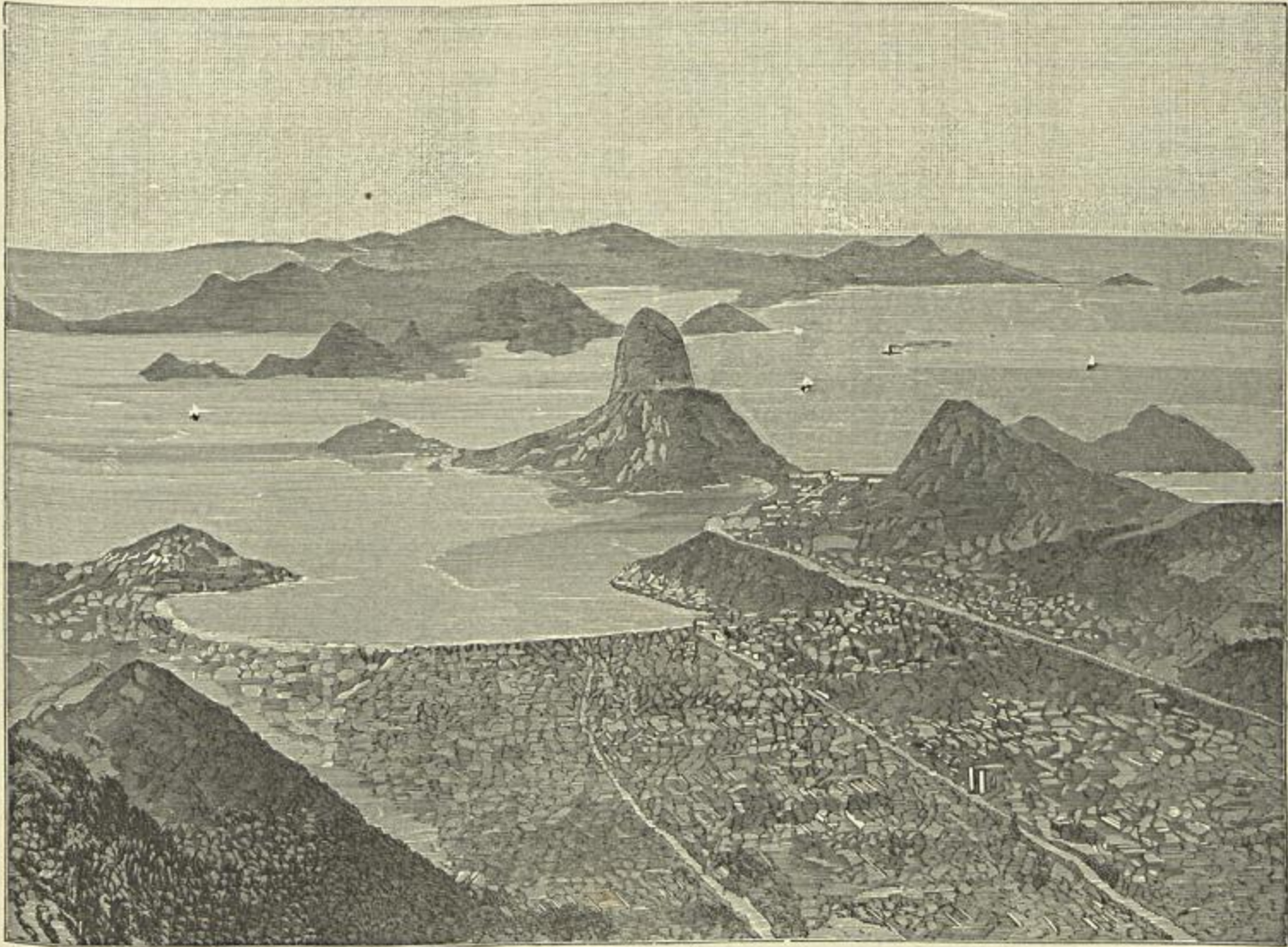
«O auctor portuguez, o sr. Ramos Coelho é dos bindo Ramos Coelho do primeiro estudo sobre o *infante vendido*, pagou uma divida nacional; [1]

— que a antiga litteratura historica dos portuguezes não passou da chronica; mais tarde imitou o genero dos antigos, especialmente Tito-Livio;

— que modernamente apesar de Alexandre Herculano e de Rebello da Silva se terem esforçado por fazer prevalecer a boa critica e os bons estudos, o methodo historico ainda não triumphou completamente;

— que, finalmente, os allemães, teem tambem motivo para estudar com interesse o vulto historico de D. Duarte de Bragança a fim de conhecer as aspirações ideaes que o levaram á Allemanha, e para indagar o que o illustre personagem, nas cartas intimas que dirigiu aos seus amigos em Portugal, formulou sobre a nação germanica.

São estes, os topicos principaes dos notaveis artigos de Karl von Reinhardstœttner, alem de vra ao auctor que é pessoa auctorisada para demonstrar a verdade dos factos:

«D'esta vez porém o governo não nos attendeu; ou, antes, esqueceu-se de nós, porque se passaram mezes, sem que obtivessemos resposta alguma. Importunámos uns e outros; e tudo debalde. Fomos até incommodar Sua Magestade El-Rei, a quem, já havia annos, tiveramos occasião de falar para lhe offerecer, assim como a Sua Magestade a Rainha, um exemplar da nossa traducção em verso da *Jerusalem Libertada*, dedicada a ambos, e Sua Magestade El-Rei recebeu-nos com especial agrado, e, não só mostrou conhecer as desgraças do infante D. Duarte, mas mostrou o que é mais, interessar-se pela publicação da sua biographia; nem admira n'um soberano, amigo e cultor das lettras, e tratando-se de um escriptor, que toca de perto á historia patria, á Casa de Bragança, e á de um seu parente credor, e tanto, da gratidão

BRAZIL — Entrada da Bahia do Rio de Janeiro e o Corcovado

(Segundo uma photographia)

socios da Academia que trabalham por dever do cargo e por paixão antiga, de bibliophilo, de bibliographo e de poeta. A sua estreia como historiador é digna de respeito. É verdade que no seu precioso estudo litterario sobre o *Hyssope* de Antonio Diniz (1879) já revelára qualidades notaveis, como critico imparcial e investigador e consciencioso.

«São raros os nossos homens de lettras que alliam assim ás faculdades poeticas originaes, á phantasia creadora, á imaginação fecunda, ao culto da forma — porque tudo isto caracterisa o elegante traductor do Tasso (*Jerusalem libertada*, Lisboa 1864.) — O criterio sereno, as faculdades analyticas e a perspicacidade do historiographo.»

O professor Reinhardstœttner a que se refere o sr. Joaquim de Vasconcellos revela um largo conhecimento da historia portugueza e da nossa litteratura. Desenvolve, o erudito allemão, um notavel estudo sobre o momento em que foi publicada a *Historia do infante D. Duarte*, dizendo que a Academia Real das Sciencias de Lisboa, incumuma substanciosa descripção do assumpto que deu logar a tão honrosa critica para as lettras portuguezas.

Diz mais, o illustrado allemão a que nos vimos referindo, e ainda no sentido de relatar os pejamentos que encontra em Portugal quem deseja trabalhar sem outro fim, que não seja o de produzir obra, — que o fallecido monarcha el-rei D. Luiz I prestou ao sr. Ramos Coelho a sua valiosa protecção e que a Sua Magestade se deve a publicação da *Historia do infante D. Duarte*. Porque o nosso historiador *fartara-se de pedir e de solicitar os documentos precisos aos archivos nacionaes esperando mezes por despachos e respostas que exigiam apenas poucos dias!*

Isto é confirmado pelo sr. Ramos Coelho no prologo da sua obra monumental, salvo na parte que se refere a el-rei o sr. D. Luiz. Dêmos a palanacional, e tão olvidado durante a vida e depois da morte. Correu ainda muito tempo, não sabemos quanto, dois annos talvez, nem aqui pretendemos traçar a chronologia d'esta odysséa litteraria, até que o governo cedendo ás instancias do sr. dr. Thomaz de Carvalho, cuja illustração e bondade todos conhecem, e que muito nos prendeu com esse obsequio, houve por bem conceder-nos um subsidio, como é de uso, mas apenas uma ajuda de custo para a viagem de ida e volta, a fim de copiarmos em Milão os documentos que julgassemos precisos á conclusão da nossa obra. Acceitamos; esperar mais fora impossivel; e partimos, confiando nos proprios recursos pecuniarios, embora limitados.»

Como todos conhecem a fidalguia de caracter do sr. Ramos Coelho facil é adivinhar o que o illustre academico cala no seu eloquentissimo prologo.

* * *

Na *Historia do Infante D. Duarte* que honra tão

[1] O sr. Ramos Coelho, segundo informações que temos por fidedignas, não foi encarregado de escrever a *Historia do infante D. Duarte* pela Academia, elle é que tomou a si o pesado encargo; a Academia apenas mandou fazer a publicação.

notavelmente a litteratura nacional. Ramos Coelho desenha com fidelidade inexcedivel a vida intima da familia de Bragança no seu maravilhoso solar alemtejano, desde o varonil D. Catharina até o duque D. João II.

Este monumento erguido ao martyr fica immortal porque é obra de um poeta.

Em geral, os homens da desgraçada politica portugueza, entendem dever não se affastar dos interesses dos grupos que dominam, e de que vivem, e quando protegem obra nacional vêem apenas n'ella o nome do auctor. E se esse nome representa a probabilidade de um serviço *politico*, a obra é consagrada e vae até a Academia Real das Sciencias e... passado o terrivel Rubicon do premio *D. Luiz I*, vale um conto de réis!... Mas se o auctor não pertence aos taes *grupos* «a obra é «longa, leva muito tempo a publicar-se, não ha «numerario, o thesouro está exausto, é preciso «acudir a despezas de honra nacional, etc., etc...» A obra é extensa! Mas precisamente por serem prolixas na discripção é que o leitor obtem o conhecimento profundo dos personagens na sua vida intima, recebendo ainda pela exuberancia e opulencia de essas narrações a impressão exacta do meio historico que atravessam. E é por isso que o sr. Ramos Coelho diz, quando explica porque *a obra é extensa*, que não sabe como é possivel formar-se a ideia da juventude, da educação, da mocidade, dos passatempos, emfim da existencia de D. Duarte nos paços de Villa Viçosa, sem descrevel os, sem descrever a grandeza da casa de Bragança, sem mostrar a acção do caracter de seu pae o duque D. Theodosio e de sua avó a duqueza D. Catharina, no seu espirito, sem esboçar em traço rapido os successos politicos em que figurou o velho duque, por cujo caracter se foi formando o do filho? Como comprehender e penetrar as causas da guerra do governo hespanhol ao *infante vendido* sem as demonstrar á luz do estado das relações entre a Hespanha e a côrte do duque de Bragança? Como descrever-se a vida militar de D. Duarte, tão pouco conhecida, sem ter compulsado os subsidios que nos habilitam a historiar as campanhas do exercito em que batalhou? Havendo de mais a mais parcos e raros elementos para isso? Como explicar ou attenuar a acção traiçoeira e ingrata do imperador da Allemanha Fernando III, sem lhe collocar ao lado a preponderancia illimitada da Hespanha do seculo XVIII sobre o imperio germanico? Como comprehender os conselhos que o infante deu de dentro do castello de Milão ácerca dos negocios de Portugal sem conhecer esse importantissimo assumpto? E, para saber o que se passou no historico congresso de Munster em relação á liberdade do infante D. Duarte de Bragança, sem traçar a energicas tintas esse theatro, esse cadinho infernal das intrigas e dos interesses politicos da Europa e sem insuflar vida propria a cada um dos personagens historicos da epocha descripta?...

Que respondam todos aquelles que sabem trabalhar e que conhecem todas as agruras do trabalho calumniado pela ignorancia e pela inveja!

* * *

Pouco mais temos que accrescentar sobre a obra litteraria de Ramos Coelho, um homem de lettras que durante mais de quarenta e tres annos outra cousa não tem feito senão honrar a patria com sacrificio proprio.

E bom será que se vá vendo que não é dando morras *á Inglaterra*, como em tempo se deram *á França* e mais anteriormente o fizeram *á Hespanha*, — bom será que se veja que não é d'esse modo que se honra a Patria.

Reservamos para a secção de este periodico «*Os meus livros*» a noticia especial da *Historia do Infante D. Duarte*, bem como a da *Homenagem a Camões*, de Ramos Coelho porque n'este artigo especial, apenas, e bem pobremente, temos tratado do notabilissimo quanto modesto historiador, academico, e poeta que tão largamente tem enriquecido Portugal e a sua Academia com as perolas do seu talento, tão receioso das ovações como a violeta das tempestades.

Que o poeta nos perdôe a pobreza do estro, que o historiador nos releve a falta de erudição, que o academico nos absolva de alguma invernaculidade que tenhamos commettido, mas que nos faça justiça á sinceridade, á independencia, e ao verdadeiro amor patrio com que temos encarado a sua immorredoura obra litteraria.

Não pedimos mais. Nada mais queremos.

E nunca o espirito nos ficou tão gostosamente satisfeito como agora, no fim d'este artigo, prestando justiça e cumprindo um dever — como é a homenagem ao talento e á modestia.

Manoel Barradas.

EXPOSIÇÃO DO GREMIO ARTISTICO

III

Fallemos agora do sr. Marques de Olliveira, professor da Academia Portuense de Bellas Artes, cujos trabalhos até agora pouco ou nada conheciamos, e que n'esta exposição nos deixam na verdade perplexos.

Aprosenta este artista doze télas, em que notâmos differentes maneiras e algumas das quaes francamente não chegamos a perceber.

Analysemol-as, porém, por partes,

O quadro n.º 72 intitulado *A lição*, é de todos o que mais nos prende a attenção. De um desenho magistral, de uma simplicidade de composição admiravel, de uma observação finissima e de um bello modelado *A lição* agrada a todos os visitantes, e nós mesmo a comtemplamos com agrado e sympathisamos absolutamente com a technica do sr. Marques d'Oliveira n'este quadro.

De facto não comprehendemos o motivo que levou o sr. Oliveira a sujar, é o termo, de branco a sua téla depois de concluida.

Será novo, será *revolucionario*, será o que quizerem todos os insubmissos, mas para nós será sempre um erro inexplicavel essa pseudo-velatura que, na nossa opinião, só concorreu para offuscar as verdadeiras bellezas que notámos na *A lição*, mais que sufficientes para d'ella faser um bom quadro.

Outro tanto não podemos dizer do n.º 71 *Graças a Deus*, que alem de ser uma composição pouco feliz, é mal entoado, e todo elle feito com muito *parti pris*, notâmos n'esta téla as tendencias nephelibatas da epocha, tendencias que afinal o sr. Marques d'Oliveira accentua claramente nas paizagens que tem os n.ºs 75, 77 e 78. Puro e genuino nephelibata Nós, barbaros, não comprehendemos estas télas e nem por isso nos lastimamos. Passemol-as pois em claro e detenhamo-nos um instante perante os n.ºs 79 *Canto de Vizella* e 82 *Praia de pescadores* de uma semelhança extraordinaria com a maneira de Silva Porto. O que não nos agrada e que affoitamente classificaremos de máo é a atmosphera do n.º 82: O artista quiz dar-nos a impressão de um céu carregado e apenas nos dá a realidade de um pedaço de téla suja de cinzento.

Notaremos ainda o n.º 73 *Lavando redes* que áparte a entoação geral demasiado violeta, e as figuras que nos parecem bonecos recortados e depois collados sobre a téla, tem a salval o e a encobrir os defeitos, citados, a maneira feliz por que está indicado o mar.

O sr. Malhôa apresenta-nos d'esta vez poucos trabalhos o que é deveras para sentir, notando porem que as tres télas que expõe affirmam os progressos que estamos habituados a notar nos quadros d'este artista e que exposição em exposição se vão cada vez mais accentuando.

O n.º 70 *Noé e Preciosa* é um dos melhores trabalhos que conhecemos do sr. Malhôa. São sympathicas aquellas cabeças dos dois beirôesitos e foram reproduzidas com sinceridade e correcção. O tom das carnes parece-nos talvez algum tanto sujo, mas no entanto, nós preferimol-o aos tons nacarados que Malhôa costuma usar nos seus retratos e de que é um exemplo frisante o n.º 68.

Esta téla além d'isto, vem confirmar o que já ha muito tempo pensavamos dos retractos d'este artista. Malhôa preoccupar-se demasiado com os retratos de Chaphin, procurando imitar o celebre pintor francez. Não o tem conseguido porém até hoje e essa preoccupação só tem concorrido para o prejudicar, pois que quem possue tão excellentes qualidades, como o testemunham os seus trabalhos, não precisa nem deve prender-se com imitações.

O sr. Freire expõe quatro télas, resentindo-se algumas d'ellas de pouco cuidadas, feitas talvez um tudo nada por descargo de consciencia. A esta exposição o novel artista não figura bem á altura dos seus creditos de trabalhador infatigavel e pintor consciencioso e correcto. D'entre os seus trabalhos notaremos em primeiro logar o n.º 41 *Na arribana* A cabeça do boi e as mãos são realmente bôas, mas no resto a pintura fraquejou alguma cousa. O n.º 44 *Ribeira d'Algés* é uma mancha de côr agradavel e nada mais. O n.º 42 *A Rosita* é muito pouco cuidado, e finalmente o *Estudo de cabeça* é correcto, mas foi infeliz na escolha do modelo que é realmente pouco sympathico.

Entre os artistas portuguezes que de Paris enviaram trabalhos á exposição do Gremio figura honrosamente o sr. José de Brito com o seu *Retrato do Visconde de Pernes*, sem duvida um dos melhores, para não dizer o melhor dos retractos da actual exposição. Tem muito caracter e é de uma pintura vigorosa que para logo revela um artista de pulso.

Expõe o sr. Brito mais duas telas de que gostamos muito menos.

Assim por exemplo o n.º 17 *Domingo de Paschoa na aldeia* que apezar de umas cabeças realmente bem pintadas, é de uma composição falta de gosto e sobretudo mal perspectivado. Quanto ao n.º 15 *Dançarina*, se exceptuarmos os braços e a cara, é um pedaço de pintura muito rasoavel.

Outro artista novo da escola de Paris, o sr. Mello expõe onze télas, algumas d'ellas dignas de reparo.

Assim o retrato n.º 85 de um bello colorido, áparte pequenos defeitos de desenho—mão grande e mal desenhada, é uma bôa pintura.

O n.º 86 *Um aldeão na Bretanha* é trabalho mais completo e parece-nos mesmo um dos melhores d'este artista que no n.º 89 *Estrada* ainda nos revela excellentes qualidades. Este quadro que não é mal pintado e tem muita perspectiva aerea tem comtudo uns verdes de uma grande monotonia, que muito o prejudicam.

«De resto os n.ºs 84 *A viuva*, 90 *Represa de agua* e 92 *Rapaz bretão* são maos e o sr. Mello teria muito a lucrar com a sua ausencia das salas da Exposição.

A. A.

AS NOSSAS GRAVURAS

ENTRADA DA BAHIA DO RIO DE JANEIRO

A pag. 244 do vol. XIII do Occidente publicámos uma gravura representando a bahia do Rio de Janeiro, a qual acompanhámos com uma breve noticia a pag. 242.

A gravura que hoje publicamos representando a entrada d'aquella grandiosa bahia ou porto do Rio de Janeiro, é como que o complemento da primeira gravura que publicamos, e a seu respeito nada mais temos que dizer, senão reportarmo-n'os ao que então dissemos.

Nenhum outro porto do mundo offerece, talvez, um espectaculo tão variado e tão soberbo como este, em que a natureza se desentranhou em todas as suas bellezas e magestade.

Nada mais pittoresco que vêr aquella infinidade de pequenas ilhas e grandiosas montanhas cobertas de exuberante vegetação, onde as palmeiras avultam elevando as suas folhas collossaes como as dominadoras da floresta.

GUILHERME MAC KINLEY

Em fins do anno passado uma lei publicada nos Estados Unidos da America, sobresaltou todos os mercados europeus que fazem exportação para aquelle paiz.

Essa lei proposta por Mac-Kinley, de que tomou o nome, estabeleceu o proteccionismo aduaneiro aos productos da industria americana, elevando consideravelmente os direitos alfandegarios sobre toda a importação estrangeira, estabelecendo ainda a faculdade do presidente da republica e do ministro da fazenda modificarem a mesma lei sem dependencia do senado, conforme melhor conviesse para tornar bem effectiva a protecção ás industrias do paiz.

A confecção d'esta lei representa um trabalho importante em estudo e o relatorio que acompanhou a proposta de Mac Kinley mostrava tanto esse estudo e as vantagens que havia a esperar da execução d'essa lei para os Estados Unidos, que o Congresso Nacional não duvidou dar-lhe a sua approvação, no que nos parece attendeu tanto aos interesses nacionaes como tambem a difficultar a entrada de mercadorias inglezas.

Isto se depreende do sobresalto com que, principalmente nos mercados inglezes, foi recebida a noticia de entrar em vigor a lei *Mac Kinley*, como os que mais directamente eram lesados.

Essa lei vae sortindo os seus effeitos, porque alem das grandes industrias que os Estados Unidos teem e que dispensam, por assim dizer, tudo o que a Europa lhes possa fornecer, os americanos ainda procuram com o mais decidido empenho imitar todas as industrias europêas e concorrerem aos nossos mercados com os seus productos.

Resta vêr se os paizes da Europa não se saberão defender d'esta invasão, levantando tambem as tarifas alfandegarias para os productos norte americanos.

O auctor d'esta revolução alfandegaria (para assim lhe chamar-mos) Guilherme Mac-Kinley cujo retrato publicamos a pag. 88, nasceu no Estado de Ohio a 24 de fevereiro de 1844, e em 1861, quando rebentava a guerra entre os Estados do Sul e os Estados do Norte, alistava-se no regimento 23 de voluntarios de Ohio e na batalha de Antietam era promovido a official por distincção sob as ordens de Ruthenford B. Hayes, depois presidente da Republica.

Concluida a guerra Mac-Kinley seguiu a carreira de advogado, sendo eleito deputado pela primeira vez em 1876 e depois em todas as legislaturas distinguindo-se sempre como orador no congresso e por ultimo com a sua lei alfandegaria, que tornou o seu nome conhecido em todo o mundo.

Tem notavel parecença com Napoleão I, e o povo do seu paiz considera-o como um homem eleito pela Providencia para fazer triumphar a industria e commercio dos Estados Unidos.

Consta que Mac-Kinley se proporá candidato á presidencia da Republica nas proximas eleições.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

(Continuado do n.º 442)

Durou seis annos o governo de José Silvestre Ribeiro no districto de Angra do Heroismo, porque, apesar de todas as representações dos povos d'aquelle districto, para que fosse conservado á sua frente o benemerito liberal que tão grandes beneficios lhe promovera, as conveniencias politicas determinaram a mudança de José Silvestre Ribeiro para o governo do districto de Beja, e elle teve que deixar os Açores em 1844, sendo nomeado por decreto de 13 de novembro d'esse anno governador civil de Beja.

Não são menos importantes n'este districto os seus serviços, pois se em Angra teve que luctar com as terriveis circunstancias a que o terremoto reduziu aquella ilha, em Beja teve que defender os pobres expostos que se achavam entregues ao desamparo, pela falta de meios para pagar ás amas. Este estado tinha chegado ao maior grau de penuria quando José Silvestre Ribeiro tomou conta do governo do districto, e só a extrema solicitude e energia do novo governador, fazendo com que as camaras concorressem com as verbas que deviam ao cofre dos expostos, poude conjurar o mal, melhorando a sorte das pobres crianças, quanto possivel, com os meios que adquiriu.

Quando outros factos não assignalassem honrosamente o governo de José Silvestre Ribeiro no districto de Beja, bastava o que deixamos apontado para obrigar a gratidão do povo bejense, e affirmar bem a grande capacidade administrativa do nosso biographado.

Os movimentos revolucionarios de 1844 a 1846 acabaram por mudar todos os governadores civis dos districtos incompativeis com o governo do duque de Palmella, mas José Silvestre Ribeiro foi dos poucos, senão o unico, que se conservou no seu posto, tal era a imparcialidade do seu proceder e o prestigio do seu nome entre os povos.

Deixando o governo de Beja em 1846 foi transferido para o de Faro, que exerceu pouco tempo, passando para o governo do Funchal, onde continuou a sua gloriosa carreira administrativa.

Parece que todas as calamidades que uma vez ou outra affigem os povos se reservavam para fazer cortejo aos governos de José Silvestre Ribeiro, como que para experimentar a força de resistencia que o illustre magistrado oppunha aos seus terriveis effeitos.

No Funchal foi José Silvestre Ribeiro encontrar o povo a luctar com os horrores da fome.

Não se póde descrever n'este rapido bosquejo biographico todos os esforços que José Silvestre Ribeiro empregou para conjurar o mal que assoberbava o povo do seu districto, mas comprehender-se-ha bem o valor d'esses esforços se nos lembrar-mos que na epocha em que se dava tão grande calamidade, outros acontecimentos se davam na capital, que perturbavam completamente a marcha dos negocios publicos.

O governo a braços com o paiz revolucionado, não tinha meios nem tempo para attender ás reclamações que lhe dirigia o governador do Funchal, e o estado geral da nação não era de molde a poder socorrer, como era mister, a triste situação em que se encontrava a ilha da Madeira e a de Porto Santo.

Apezar d'esta situação anormal o conselheiro José Silvestre Ribeiro soube triumphar de tantas difficuldades, e, não só conseguiu abastecer os mercados de generos alimenticios, como dar impulso a algumas obras publicas para emprego dos braços que não tinham trabalho nos campos.

No Funchal como em Angra do Heroismo, a camara municipal reconhece em documento publico os grandes serviços prestados por José Silvestre Ribeiro áquelle municipio, e pede ao governo a conservação de tão zeloso funccionario no governo do districto.

O reconhecimento do povo do Funchal foi ainda mais longe, pois nas eleições de deputados a que se procedeu em fins de 1847, elegeu seu representante em cortes José Silvestre Ribeiro continuando a confiar-lhe o mandato em legislaturas successivas.

E' ainda na cadeira de deputado que, em 1857, é convidado a acceitar a pasta de ministro da justiça, cargo que resignou em março de 1858 por não estar de accordo com os seus collegas, tendo sido por essa occasião dissolvido o parlamento e procedendo-se a novas eleições, em que foi novamente eleito José Silvestre Ribeiro.

(Continúa) *Caetano Alberto.*

A ORPHÃ

Não! da vida no pelago agitado,
Um abrigo não ha, não ha um porto
Onde possamos descançar tranquillos.

SOARES DE PASSOS.

Orphã!... Sem ter da terna mãe, meigos carinhos!...
Sem paes! tão nova ainda!... Vaes colhendo espinhos,
cá n'este mundo, assim tão duro!
Coitada!... Pobre virgem, que andas a penar...
que vês a patria avara o pão te recusar...
treme reciosa do futuro,
que triste, envolvido em densos veos de luto,
t'offrece e te prepara o mundo tão corrupto!...

É bem cruel e ardua essa existencia assim,
em que ha maguas tão duras, sem mostrarem fim!
Oh! Céos! que vida desditosa!
Que instantes tão funestos!... Que dias de horror...
com que dotaes a orphã; bom Deus Salvador!...
Oh! Céos! que vida rigorosa.
Á triste virgem, que padece estes labores,
porque é que não cortaes, oh! Deus, as crueis dôres?

O mundo esquece a pobre!... Levae-a p'ra vós ..
tirae-lhe a dôr cruel, esse soffrer atroz!...
Estendei a bella piedade
bem armada pela divina clemencia!...
E oh! Christo! á pobre, á orphã, á innocencia,
lançae a doce caridade.
P'r'o Céo levae a orphã, tirae-lhe o viver,
tirae-lhe as duras maguas, tirae-lhe o soffrer.

A vós, aos Céos, é que ella pede protecções,
em bem crentes e fervorosas orações,
de maguas repassadas e de mui soffrer.
'scutae as suas preces, dae-lhe outro viver.
Cedei-lhe, lá em cima, essas doces venturas,
que irão recompensar as suas maguas duras.

Alfredo de Pratt.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance Original

I

A ORFÃ

Na antiga freguezia de Santa Clara de Louredo estão comprehendidas a aldêa da *Boa Vista*, proximo á qual se acha a egreja parochial, na estrada real de Beja a Mertola, distante d'aquella cidade apenas uma legua para o sul, e a aldêa *Quinta de Santa Clara*, desviada alguns kilometros da da *Boa Vista*, no decurso das quaes se encontram os casaes da Egreja, Malta, Calçada, Boa Vista, Valbon, Estudos, Cerca, Faleira, Cerejo, Formicoilha, Almocreve de Baixo e Rascos.

Ha uns bons cento e tantos annos Antonio da Soledade era um grande proprietario e lavrador de Louredo, que contrahira matrimonio com a Joanna do Vidal, viuva aos vinte oito annos, a qual levara em dote um bom numero de propriedades, bellos rebanhos e uma boa mão cheia de contos de réis.

Joanna agradara-se de Antonio simplesmente porque nada entendendo de negocios agricolas se encontrava a todo o momento roubada pelos criados. Pela sua parte Antonio, mocetão de bons musculos e com trinta annos ha pouco completos, conhecido no logar por homem a quem tinham nascido os dentes nas fainas laboriosas dos trabalhos ruraes, não só se encontrava nas condições para administrar as vastissimas propriedades de que ficaria composto o casal, por aquelle enlace por mil razões vantajoso, como tambem sendo orfão, sem parentes nem adherentes, a quem podesse confiar a administração interna da sua casa, via que lhe era necessario uma mulher nas condições da Joanna do Vidal, arranjadeira e acostumada a determinar as cousas domesticas, com excellente criterio e bom senso, emquanto elle andava nas feiras e nos mercados negociando o gado e as abundantes colheitas das suas fazendas: o vinho, o azeite, a cortiça, o mel, o pão, emfim tudo o que em seis leguas em volta das duas aldêas produziam as vinhas, os olivaes, os pomares, os carvalheiros, os cortiços e as searas.

Pezados bem de parte a parte os interesses monetarios que supre em muitos casamentos a ausencia das inclinações de coração, os noivos convencionaram dar o nó matrimonial, fazendo-se entre elles os costumados e vehementes protestos de tornal-o o mais cego que podesse ser.

Foi dia de grande festa no logar aquelle do casamento de Joanna e Antonio, e durante os primeiros mezes todos que viveram de telhas a dentro d'aquelle lar abençoado, compartilharam da felecidade e bem estar que pareciam espargir os recemcasados a todos que se lhe aproximavam.

Os servos diziam que se podia estar por gosto com similhantes amos, que eram duas joias.

Effectivamente Antonio e Joanna olhavam como verdadeiros paes por todos que tinham ao seu serviço, e nada ha que torne o humilde mais escravo de gratidão do que a lembrança de que embora disfructando todos os bens da fortuna, alguem se debruça sobre a cabeceira do seu leito de dor demonstrando interessar-se pelo mal que o aniquila, tocando lhe com mão acariciadora a fronte escandecida pela febre, como o roçar brando e suave das azas de um anjo.

E elles não faltavam com os cuidados nem para os trabalhadores do campo, se acaso exhauriam as forças debaixo das ardencias do sol do estio, nem com o pão para as suas viuvas, se por ventura as febres paludosas ou o typho traiçoeiro lhes roubavam os braços protectores dos maridos.

Antonio e Joanna tudo previam; e não havia baptisado nem casamento em Santa Clara de Louredo que os não tivesse por padrinhos, como se para os neofitos ou para os noivos fosse isso um augurio de felicidades inextinguiveis.

Desculpavel egoismo dos paes e dos recemcasados.

Não tardou, porem, que um facto viesse encher de sobresaltos o Antonio da Soledade e com elle toda a gente do logar.

Estava gravida a Joanna.

Aos incommodos por vezes gravissimos de um difficil periodo de gestação, succedeu um parto laborioso que a sciencia não poude resolver sem victimar a mãe, e Antonio surprehendido pelo cruel capricho da sorte, que parece nos faz experimentar uma felicidade para mais cruelmente lhe sentirmos a falta quando a perdemos, encontrou-se a um tempo viuvo, e pae de uma creancinha do sexo feminino, que pouco a pouco se foi tornando no vivo retrato da mallograda Joanna.

D'esde então a alegria bateu as azas de sobre a casa de Antonio.

Para amamentar a creança veiu a rapariga mais sadia e mais forte de Louredo, e durante doze annos o inconsolavel viuvo afastou-se de tudo que lhe pudesse servir de lenitivo, escolhendo a solidão, apenas vivendo para a filha que estremecia e para o negocio, que, ainda por outro capricho da fortuna, não se cançava de despejar d'entro das arcas do triste lavrador as suas cornucopías cheias de ouro.

Mas o desgosto era superior a tudo, e Antonio tendo apenas quarenta e dois annos, deixava já transparecer no rosto as rugas de uma avançada decrepitude e o seu olhar amortecido e indifferente era como o reflexo de uma alma que pouco a pouco se ia apagando.

Em doze annos, elle, tão robusto, parecendo inacessivel a doenças de peito, definhara-se a olhos vistos, até que a final succumbira a uma affeção pulmonar.

Estava, pois, Anna da Soledade orfã de pae e mãe aos doze annos e dois mezes, e herdeira da bonita fortuna de uns duzentos e trinta contos e algumas centenas de cruzados, segundo somavam as avaliações do inventario, a que o juiz respectivo mandou proceder, nomeando-se um tutor a Anna até á maioridade da lei.

Foi então que começou para ella a epocha mais perigosa da sua vida.

Farejando-lhe a fortuna começaram a acercar-se-lhe os que pretendiam exploral-a, mascarando-se com fementidos protestos de uma expontanea dedicação, para mais a salvo a roubarem.

Entre estas *boas almas*, condemnadas a andar no mundo eternamente por nem o diabo as querer na sua mansão de fogo, havia duas ascáridas venenosas que em vida da Joanna do Vidal iam aos domingos *comer-lhe* o jantar, primas em segundo grau do primeiro marido, e que só por morte de Antonio conseguiram metter-se em casa da filha, allegando para com o tutor de Vicencia, um homem serio e honesto que exercia em Santa Clara de Louredo o officio de tabellião de notas, que o seu zelo lhes permittia ser uteis á infeliz Anna, servindo-lhe de conselheiras na entrada do mundo, podendo a um tempo infiltrar-lhe alguma *educaçãosinha* religiosa, conjunctamente com o respeito que era necessario guardar de futuro pelas leis sociaes.

Umas *santinhas* afinal estas duas mulheres.

Decorreram mais tres annos, durante os quaes Anna da Soledade se fôra transformando n'uma adoravel adolescente.

Quando ella ia aos domingos á missa a Santa Clara, os rapazes faziam alas para a deixarem passar e disputavam ás vezes em rixas que tomavam o caracter de combates, qual d'elles havia de ser o que se devia tornar o pretendente da filha do Antonio.

E' certo que Anninhas era bonita, embora de essa belleza não cultivada como são na maior parte as nossas mulheres da provincia.

Alta, franzina, morena, de grandes olhos negros tendo a expressão suave e meiga da mulher andaluza, não possuia comtudo nem os attractivos de espirito que dá a educação das cidades, nem as maneiras estudadas e retrahidas com que se mascara a humanidade que nos acotovela.

Aprendera com seu pae a dizer sempre franca e abertamente o que sentia, e d'aqui provinha o grande erro de julgar todos como ella.

Despreoccupada das cousas da vida, de que a experiencia ainda lhe não começara desvendando os arcanos, não podia defender-se da intriga formidavel que contra ella a hypocrisia andava machinando na sombra.

Antonio da Soledade, cego na sua dôr, não cuidara de fazer a luz n'aquelle cerebro. Deixara uma grande fortuna, é certo, mas deixára tambem uma pobre rapariga abandonada aos perigos da vida, no meio de uma sociedade talvez um pouco mais depravada e egoista do que a dos nossos dias.

(Continúa). *Julio Rocha.*

REVISTA POLITICA

São tantos os boatos politicos que tem circulado n'estes ultimos dias, que não sabemos qual d'elles terá mais solidos fundamentos, ou mesmo se todos serão simplesmente o producto d'este mal estar geral em que se encontra a nação, imaginando cada qual o que melhor ou peior lhe parece sobre o actual estado das coisas.

Effectivamente n'estes ultimos tempos a politica portugueza tem attingido o maior grau de confusão e ao mesmo tempo de decadencia a que é possivel chegarem os espiritos.

Ninguem se entende. É precisamente o termo com que melhor se póde designar o estado actual da politica, se bem que a mesma politica nunca se tem entendido lá muito, ha annos a esta parte, e é justamente por isso que ella hoje ainda menos se entende.

Uns verdadeiros sabios e uns famosos administradores os nossos homens politicos que mais tem pesado na balança dos destinos publicos, sem embargo de todos os louvores que os mesmos politicos lhes teem tecido.

Para em tudo sermos prodigos até nos louvores, o que a final só prova em favor da decadencia a que se vae chegando.

Mas diziamos que os boatos são muitos, ha um, porém que preoccupou mais nas regiões da politica, o da dictadura que o governo ia assumir para emprehender reformas e fazer economias.

Já a este nos referimos na nossa ultima revista, ás economias em que todos falam, que todos pedem, uns convencidos de que são o unico salvaterio das finanças, outros unicamente para fazer côro, mas por fim todos d'ellas se receiam pela influencia mais directa ou indirecta que possam ter na sua vida economica, e aqui está porque tudo treme com o boato do governo annuir a dictadura para fazer reformas e economias.

Ora parece que se d'essas reformas e d'essas economias depende a segurança do nosso futuro, antes se deviam desejar postas em pratica do que temer que ellas se realizem, quer sejam em dictadura quer não,

E se o actual governo, considerado um governo extra-partidario não póde realizar essas reformas, como as poderá levar á pratica qualquer outro governo que tenha compromissos do seu partido e opposição do partido contrario?

Já se vê que a confusão politica não póde ser maior, e que effectivamente ninguem se entende n'este labirynto de contradicções.

D'ahi os boatos contradictorios, que tão depressa dão o governo em crise, muito proximo a demittir-se, como dizem que o governo está para lavar e durar com dictadura ou sem ella.

Nós pensamos que não serão as reformas nem as economias que resarão o *de profundis* ao actual governo, porque não acreditamos n'ellas, e antes nos inclinamos a acreditar que será ainda a questão ingleza que deitará por terra este governo como já deitou os dois ultimos que o precederam.

GUILHERME MAC-KINLEY

Esta sim, é que é o phantasma mais terrivel que se ergue no caminho da vida politica do nosso paiz, fazendo recuar a cada passo os governos e inutilisando os principaes homens politicos que se acham á testa da nação.

As noticias que veem d'Africa não são nada tranquilisadoras e as que vem de Londres tambem parece não serem de bom agouro, pelo mysterio em que se envolvem, e tudo leva a crer que estamos tão adiantados hoje sobre a mal fadada questão colonial, como em 11 de janeiro de 1890 quando a Inglaterra nos mandava o seu *ultimatum*.

Muito desejariamos enganarmo-nos, mas muito receamos que assim não seja.

Outro facto veio quebrar a monotonia e aparente brandura da nossa imprensa politica, e foi uma carta do sr. Lopo Vaz a respeito da condemnação do sr. João Chagas pelo conselho de guerra que julgou os implicados na revolta do Porto.

Essa carta que pretende provar que houve um erro judiciario na sentença que condemnou o sr. João Chagas, levantou discussão na imprensa em que se dividiram as opiniões, louvando uns o procedimento do sr. Lopo Vaz por illucidar a justiça que, na sua opinião errou, censurando outros essa carta como symptoma de fraqueza e de prejuizo para as instituições,

Nós abstemo-nos de imittir opinião sobre o caso, já porque a nossa missão é simplismente relatar o que se passa, já porque não entendemos muito d'estas questões de direito em que tantas vezes se faz torto.

E com estas coisas só entendemos que cada vez se vae acentuando mais a nossa decadencia.

A' ultima hora correm com mais insistencia os boatos de crise ou mesmo demissão do ministerio, e fala-se no sr. Martens Ferrão e no sr. Dias Ferreira para chefes de uma situação.

Parece-nos que se aproxima a contra proposta do governo inglez, e por isso se aproxima tambem a demissão do governo, preparando-se já outro para o substituir, para que não se repita estar o paiz um mez á procura de quem o governe. Talvez seja isto.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Congresso Catholico..—Celebrou-se em Braga do dia 6 a 10 do corrente o segundo Congresso Catholico, com grande concorrencia do clero e seculares que n'elle tomaram parte.

A inauguração do Congresso teve logar no dia 6 na Sé de Braga, celebrando se uma missa cantada a grande instrumental e em que pregou ao evangelho o reverendo conego Alves Matheus com a superioridade dos seus extraordinarios dotes oratorios e provado talento.

O venerando prelado primaz celebrou o pontifical com todo o cabido.

Assistiram a esta solemnidade quatro prelados além dos que se fizeram reprezentar, sendo um d'estes Sua Eminencia a Cardeal Patriarcha de Lisboa que se fez representar no Congresso pelo reverendo prior de Santa Catharina dr. Luiz José Dias. Assist iram tambem alguns pares do reino, deputados, titulares, lentes da Universidade de Coimbra e outros estabelecimentos de instrucção, auctoridades, camara municipal e cerca de 800 eclesiasticos, a que se reunia um concurso inorme de povo que enchia o grandioso templo e suas cercanias.

Assim foi inaugurado o Congresso Catholico, cujas sessões se prolongaram até ao dia 10, das quaes daremos noticia mais circumstanciada no proximo numero.

Esquadra Allemã no Tejo. — Visitou o porto de Lisboa, onde se demorou alguns dias, uma es quadra allemã composta dos seguintes navios:

Couraçado *Kaisser* de 7:550 toneladas, 92,40m de comprimento com 20,50m de bocca e 8,25m de pontal. A machina é da força de 8:000 cavallos com o andamento de 14,5 milhas. Foi construido em 1874.

Couraçado *Friederick Carl* de 5:900 toneladas, 93m de comprimento. 17,68m de bocca e 8,30m de pontal. A machina é da força de 3:500 cavallos com o andamento de 13,6 milhas. Foi construido em 1867.

Couraçado *Prucien* de 6:600 toneladas, 101,30m de comprimento, 17,60m de bocca e 7,85m de pontal. A machina é da força de 5:400 cavallos com o andamento de 14,2 milhas. Foi construido em 1867.

Couraçado *Deuts-chland*, é em tudo igual ao *Ikeissor*.

El-rei D. Carlos visitou o navio almirante depois de ter recebido os cumprimentos do almirante da esquadra e officialidade no paço de Belem.

Uma obra de Roberto Duarte da Silva.— Acaba de ser publicado em Paris um livro com o titulo *Traité de analyse chimique*, trabalho do fallecido chimico portuguez Roberto Duarte da Silva. Esta obra é publicada por Mr. Engel, professor que succedeu na cadeira do fallecido chimico portuguez, e prefaciada por Mr. Friědel, membro do Instituto, que faz o elogio do sabio portuguez.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro 25 a 43